

Economia do turismo quase parada leva empresas turísticas dos Açores a comparar Covid-19 a um “tsunami”

Está a aumentar, de dia para dia, a preocupação das empresas açorianas com o impacto das medidas para atenuar a progressão do Covid-19 na Região. O primeiro sector a sofrer, de forma dolorosa, o impacto económico da crise é do turismo. Se, no início deste mês, havia a expectativa de que a hotelaria açoriana iria estar a 50% dos proveitos de 2019, hoje a estimativa já chega aos 90%.

Numa actividade económica que emprega directa e indirectamente 20 mil trabalhadores e no ano passou gerou à volta de 500 milhões de euros, a expectativa de alguns empresários contactados pelo Correio dos Açores é a de que as unidades hoteleiras não vão fazer os habituais contratos sazonais para a época alta e, “se não forem tomadas medidas para a manutenção do emprego”, por exemplo, existem unidades hoteleiras e restaurantes que vão despedir trabalhadores, com principal enfoque naqueles que estão a findar os contratos de trabalhos.

Adiantaram os mesmos empresários ao Correio dos Açores que terão de ser adoptadas, “também de forma célere e eficaz” medidas para resolver problemas de tesouraria. Mas, realçou um dos empresários, “não podem ser medidas que empurrem para dentro de dois a três anos o pagamento de compromissos financeiros porque as empresas, quando se chegar a esta altura, não vão ter condições para honrar estes compromissos”.

Pela sondagem feita pelo Correio dos Açores, apesar de se viver um clima prioritário de resolver um problema de saúde, há já uma grande preocupação nos meios turísticos com “o verdadeiro tsunami que as medidas de combate ao coronavírus vão provocar na economia do turismo. Veja que não estão a entrar nos Açores clientes e que a expectativa é que entrem apenas 10% dos clientes que entraram em 2019”, salienta o empresário.

“E estamos a falar num tsunami que nos está a molhar os pés, nos vai cobrir e, depois, vai voltar para trás arrastando aquilo que é mais frágil”, concluiu o empresário, numa analogia ao que se poderá passar no turismo açoriano.

Rodrigo Rodrigues: Covid-19 “vai ter impacto brutal na economia açoriana”

As medidas que estão a ser adoptadas para procurar travar o Covid-19 que implicações estão a ter na economia açoriana?

Rodrigo Rodrigues – (Presidente da Câmara do Comércio e Indústria dos Açores) Estamos muito no princípio, mas é óbvio que o impacto na economia açoriana vai ser brutal a todos os níveis e transversal a todas as actividades. O turismo é a primeira actividade que já está a sofrer gravemente este impacto.

É uma crise que vai chegar também à construção civil, ao comércio...



Rodrigo Rodrigues perspectiva impacto “brutal” na economia, mas diz que primeiro é a saúde

Vai apanhar todos os sectores de actividade de uma forma transversal. Olhe-se para as bolsas mundiais. Há empresas que já perderam entre 15 a 30% do seu valor nos mercados. Vai ser, de facto, uma crise

transversal.

A crise no turismo tem um peso muito relevante nos postos de trabalho directos mas também um peso muito importante em toda a economia que gera à sua volta.

É inevitável que a pancada seja forte.

Há restaurantes, lojas e empresas a fechar. Corre-se o risco de a economia quase parar?

Julgo que não. Neste momento, temos que compreender que esta crise vai ter três fases, todas elas importantes. A primeira fase é esta que é o combate à doença, uma questão de saúde pública e é nisso que as pessoas se estão a concentrar. As pessoas estão a suspender a sua actividade não ainda por questões económicas mas sim por questões de saúde. E é importante que as empresas sejam também proactivas neste aspecto.

Depois, temos uma fase do impacto económico desta crise em toda a Região. Temos que lidar com ele e temos que encontrar medidas mitigadoras deste impacto. E teremos uma terceira fase que é a de recuperação económica para a qual serão precisas medidas concretas para acelerar esta recuperação.

Será uma fase de cada vez e estamos ainda numa fase de conter o vírus o máximo possível e, neste aspecto, ainda hoje (ontem) estive na cidade de Angra a constatar que a maior parte da actividade empresarial está suspensa e isso é bom para a causa de tentarmos travar a doença o máximo possível.

João Paz

Jorge Rita: “Não faz sentido açambarcamento pois haverá sempre produtos essenciais no mercado”



O Presidente da Federação Agrícola dos Açores e da Associação Agrícola de São Miguel, Jorge Rita, afirmou ao Correio dos Açores que, em resultado da situação do Covid-19 se vive uma situação de “grande apreensão entre todos”.

Aceitou que “há um sentimento de grande preocupação, de grande responsabilidade”. Mas, como afirmou, o seu impacto económico no sector agrícola “ainda não se faz sentir”.

“Na fileira do leite estamos em perfeita sintonia fazendo uma abordagem sobre o que poderá acontecer no futuro. Esta é, antes de mais, uma questão de saúde pública que é transversal a todos”, afirmou Jorge Rita.

O Presidente da Federação Agrícola considerou, em sequência, que o que mais “aflige”, neste momento, os agricultores, “tem a ver com os transportes. Temos custos de transportes muito elevados e a actual greve da estiva em Lisboa pode levar à

carência de muitos produtos na Região”.

Quanto ao Covid-19, prosseguiu, “obviamente que temos muita preocupação sempre com um sentido de muita responsabilização”.

A própria Associação Agrícola de São Miguel já fechou o seu restaurante. As próprias feiras tradicionais vão estar fechadas. “Estamos a trabalhar, de forma condicionada, ao público. Estamos a trabalhar com metade do pessoal”, informou Jorge Rita.

“Tenho apelado também para que não haja concentrações de lavradores, que cada qual faça a sua vida no estritamente necessário. E vamos adiar todas as Assembleias Gerais”, revelou.

“O que é importante realçar”, afirmou, “é que as pessoas, com mais ou menos dificuldades, vão ter que se alimentar. E a maior parte dos alimentos, como todos sabemos, sai do sector agrícola. Portanto, a expectativa que temos é a de que não haja açambarcamento de produtos por parte das pessoas. Não faz muito sentido porque não irá faltar alimentos no que diz respeito ao leite e derivados e à carne. Os produtos essenciais vão estar sempre no mercado”, sublinhou.

“É importante que se faça mais e melhor para a Região ficar o mais imune possível ao Covid-19, embora já tenhamos um caso no momento em que estamos a conversar”, disse.

“Este é um trabalho que tem de ser responsabilidade de todos. Todos nós temos a nossa responsabilidade de fazer mais e melhor”, referiu antes de concluir que “amos aguardar o dia-a-dia com serenidade e preocupação, obviamente”.